

## UMA DINÂMICA ASSENTADA NA DIVERSIFICAÇÃO INDUSTRIAL: A EXPERIÊNCIA DO MUNICÍPIO DE RIO DO SUL/SC \*

Felipe Anderson França  
Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina  
E-mail: [franca.felipe@outlook.com](mailto:franca.felipe@outlook.com)

Área temática: Economia Regional e Urbana

**Resumo:** O artigo analisa a estrutura industrial do município de Rio do Sul/SC, que constitui o eixo de dinamismo desta economia – hipótese defendida no decorrer do texto. São caracterizadas, primeiramente, as principais empresas – devido à inexistência de estudos que forneçam uma visão de conjunto da indústria local. Ademais, o estudo é pioneiro por identificar a diversificação da base produtiva do município. O objetivo é encontrar evidências que apontem uma diversificação produtiva local, sendo abordados, para tanto, os indicadores de emprego industrial e de arrecadação de ICMS na indústria, segmentados pela Divisão CNAE 2.0. Deste modo, é possível mensurar o grau de diversificação da economia rio-sulense. Também é questionada a ideia – presente em muitos estudos de economia regional – de que, perante o aprofundamento e a expansão das cadeias produtivas globais, ocorre a especialização produtiva dos territórios em escala local. Mostrando-se um caso relevante para análise, o município exibe indicadores que sustentam a afirmação de uma economia que, apoiada em empresas nativas, é fortemente diversificada – o que gera consideráveis implicações sobre a formulação de políticas econômicas para o município em questão. Com intensa participação dos complexos eletrometalmecânico, têxtil-vestuário e alimentar, toma forma o cenário que é atentamente observado no presente estudo.

**Palavras chave:** diversificação industrial; dinâmica econômica; Rio do Sul - SC.

### 1. Introdução

Rio do Sul é um município catarinense situado na porção ocidental do Vale do Itajaí. Localiza-se precisamente no Alto Vale, sendo que dentro de seu perímetro urbano se forma o rio de maior importância econômica do estado, o Itajaí-Açu. Com pouco mais de 60 mil habitantes, o município é o 19º no ranking populacional catarinense, 24º no tamanho do Produto Interno Bruto, e ainda o 7º maior município exportador de Santa Catarina, segundo dados do IBGE (2010a), e Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (2010).

---

\* Versão adaptada de parte de monografia a ser defendida em julho de 2014 no Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina, escrita pelo autor deste artigo, e orientada pelo Prof. Hoyêdo Nunes Lins – que fez questão de contribuir com o presente estudo. Agradecimentos também à economista, e técnica da FEE, Áurea Corrêa de Miranda Breitbach. Os equívocos e desatenções que por ventura se fizerem presentes são de inteira responsabilidade do autor.

Um município com 93% de população urbana (IBGE, 2010a), que possui uma socioeconomia norteada por empresas dos complexos eletrometalmecânico, têxtil-vestuário e alimentar. Entretanto, não se trata de uma economia caracterizada e explorada pela literatura, e o entendimento da estrutura industrial do município, que é o polo regional para mais de 250 mil catarinenses, fica defasado. Não obstante, quando analisada a socioeconomia de Santa Catarina, é comum o fato de os estudos nem sequer tomarem conhecimento de Rio do Sul<sup>2</sup>.



**Figura 1 – Localização geográfica de Rio do Sul**

Fonte: Wikimedia, 2014, S.p.

Concomitantemente, a estrutura industrial catarinense costuma ser indicada por mesorregiões. Estudo realizado pelo IPEA (2000) é bastante ilustrativo, sintetizando a morfologia da rede urbana de cada região. No caso do Vale do Itajaí, o estudo assinala:

A mesorregião do Vale do Itajaí [...] caracteriza-se por três diferentes unidades: uma porção fortemente industrializada [eixo Blumenau – Brusque], uma porção litorânea – ambas intensamente urbanizadas – e uma porção nitidamente agropecuária [Alto Vale] [...] Sua área agrícola não sinaliza mudanças significativas, apenas a continuidade de movimentos migratórios, não muito intensos, dirigidos aos centros mais dinâmicos da própria região (IPEA et al, 2000, p.138 e 139).

Infere-se da leitura acima que a área agrícola, isto é, o Alto Vale como um todo, perpetua uma migração, que apesar de fraca, é guiada pela malha urbana formada, em grande medida, por Blumenau. Outrossim, a porção oeste do Vale do Itajaí não sinaliza mudanças

<sup>2</sup> Cardoso (1984, p. 3) já escrevia sobre a escassez de literatura a cerca do município: “Rio do Sul, cidade e município que polariza o Alto Vale do Itajaí, ressenete-se portanto, há muito, da inexistência de um opúsculo deste gênero [compêndio histórico e geográfico]”.

significativas em sua rede urbana. Curiosamente, o mesmo estudo assinala o município de Rio do Sul como “polarizador de uma extensa área com expressão agropecuária” (IPEA et al, 2000, p. 137).

Todavia, o que o tempo mostrou foi a consolidação de uma estrutura industrial diversificada em território rio-sulense, o que difere em muito de uma economia agropecuária ou agrícola. Dados do IBGE (2000; 2010a) também mostram que a cidade está longe de dirigir um movimento migratório em direção ao que o estudo do IPEA chama de área urbana do Vale do Itajaí: o crescimento populacional do município foi de 18,5% neste período – 2000-2010.

Outros estudos, como SANTA CATARINA (1986), apesar de considerarem Rio do Sul como pertencente à área industrial do estado, devido à colonização alemã, não destacam quais são as empresas ou setores de destaque do município:

[Região industrial de origem alemã]: No nordeste de Santa Catarina, de Joinville até Rio Negrinho, no planalto norte e deste até Rio do Sul, no Alto Vale do Itajaí, continuando em direção a Brusque, no vale do Itajaí-Mirim, seguindo até Blumenau e daí até Joinville, fechando-se o perímetro da área onde se localiza a região mais industrializada [...] totalizando mais de 50% do valor da produção industrial catarinense [...].

A carência de abordagens que analisem com profundidade a socioeconomia do município tende a gerar iniciativas institucionais problemáticas, a exemplo do ocorrido no governo estadual, entre 1987 e 1991, na gestão de Pedro Ivo Campos e Casildo Maldaner. Nesse governo foi elaborado o Programa Integrado de Desenvolvimento Socioeconômico para Santa Catarina. Foram alinhados os segmentos produtivos de acordo com as regiões em que se fazem presentes, objetivando a atração de investimentos para o estado.

Quadro 1 – Mapa da produção industrial catarinense por regiões, de acordo com o Programa Integrado de Desenvolvimento Socioeconômico

<b>Segmento</b>	<b>Região</b>
Alimentar	Chapecó, Videira e Concórdia
Cerâmico	Içara, Tubarão e Urussanga
Industrial	Fraiburgo, São Joaquim e Videira
Madeireiro/Celulose	Lages, Curitibanos e Caçador
Metal-mecânico	Joinville e Jaraguá do Sul
Mobiliário	Corupá, Campo Alegre e Mafra
Têxtil	Blumenau e Brusque

Fonte: SIEBERT (2001, p. 148)

Como pode ser observado no quadro 1, em nenhum dos segmentos industriais Rio do Sul foi incluído. Considerando que o Programa não indicou apenas os grandes centros

catarinenses, mas também municípios como Curitiba e Campo Alegre – mostrando conhecimento e preocupação com a estrutura produtiva de municípios menores –, Rio do Sul ficou a mercê da própria sorte. Em última instância, fica evidente – a partir do quadro 1 – que a busca por especializações produtivas regionais pode nem sempre ser benéfica, afinal, por Rio do Sul não possuir uma área de especialização produtiva, não se pode enquadrar o município em um segmento industrial específico.

Afirmar que não há especialização produtiva no município constitui iniciativa pioneira do presente estudo. Portanto, encontrar evidências que apontem a diversificação industrial de Rio do Sul é o objetivo central deste artigo, que está organizado da seguinte maneira: na seção 2 é feita a contextualização da problemática regional na economia brasileira contemporânea; na seção 3 é discutida a ideia de diversificação industrial como dinamizadora econômica; na seção 4 são caracterizadas as principais empresas e explorados indicadores socioeconômicos do município de Rio do Sul, a fim de dar uma visão de conjunto sobre a indústria local; por fim, na seção 5, são feitas as considerações finais, apoiadas nos resultados obtidos ao longo deste estudo.

## **2. A problemática regional no Brasil contemporâneo**

O Brasil não faz parte do grupo de países que comandam o processo globalizador das cadeias produtivas, como EUA, Japão ou Alemanha. Todavia, “embora o Brasil não apareça como participante de primeira linha no jogo político-econômico global, dinâmicas protagonizadas nessa escala têm afetado a economia da Nação” (LINS, 2001, p. 78). Num cenário onde imperam dinâmicas exercidas por empresas e conglomerados transnacionais, a diferenciação tornou-se palavra chave para as diferentes unidades territoriais. Afinal, quando um agente global quer decidir para onde ir, ele toma a decisão com base na diferenciação regional, no que um território pode oferecer e que outros não podem. Daí vem a máxima “pensar globalmente e atuar localmente”.

E é natural que as regiões melhor preparadas obtenham os melhores resultados – o que tende a intensificar as desigualdades territoriais. A necessidade de implantação de políticas de desenvolvimento regional por parte do Estado se torna fundamental, caso seja de interesse do poder público reduzir as disparidades inter-regionais e distribuir o crescimento e o desenvolvimento econômico. Veltz (1996, apud LINS, 2001), por exemplo, ao observar as economias da Europa Ocidental, EUA e Japão, percebeu que aumentavam as desigualdades

espaciais no decorrer do desenvolvimento econômico destes países, em favor das grandes concentrações urbanas.

Nesse sentido, conforme determinadas regiões no interior de diferentes países atraem os investimentos, o cerne do debate torna-se o espraiamento de seus efeitos dinâmicos, sobretudo em países com menor nível de desenvolvimento, caso do Brasil. Observou-se no país, até os anos 1970, um crescimento com forte concentração espacial, onde as metrópoles cresceram exponencialmente. Não obstante, a sociedade brasileira estava engatada num processo de êxodo rural. Ao analisar a sociedade e a economia brasileira nas décadas de 1970 e 1980, Faria (1991, p. 102) afirma:

[E]mergiu uma complexa e intrigante sociedade urbano-industrial. Complexa por que marcada pelos processos que constituíram, entre nós, uma das maiores economias contemporâneas. Intrigante porque, afora sua complexidade e seu tamanho, essa economia mundial crescentemente internacionalizada esteve – e está – longe de apresentar características das sociedades industriais avançadas [...].

Com o proclamado milagre econômico, também na década de 1970, por suas elevadas taxas de crescimento, ampliou-se a capacidade produtiva brasileira, e ocorreu, finalmente, sua desconcentração espacial – onde os novos investimentos passaram a enxergar oportunidades além do eixo São Paulo – Rio de Janeiro. O governo militar não escondia a preocupação em desconcentrar a produção no país, bem como o padrão de ocupação urbana em seu território. Com auge na instituição do Plano de Integração Nacional – em 1970 – sob o comando de Médici, a cunhagem dos lemas “Integrar para não Entregar” e “Uma terra sem homens para homens sem terra”, a desconcentração urbana e produtiva ganhava força.

Mas a tendência de concentração espacial dos investimentos era de difícil reversão. Pacheco (1996, p. 126) destaca um mix de fatores que, entre 1970 e 1990, se fez necessário para tal reversão: a) deseconomias de aglomeração nos grandes centros urbanos; b) integração produtiva do mercado nacional; c) pressões ambientais nas áreas intensamente industrializadas; d) políticas de governo. Ferreira e Diniz (1995, p. 50) ainda apontam a pressão sindical nos grandes centros e o desenvolvimento da infraestrutura em outras regiões do país. Assim, as atividades econômicas foram seduzidas por outros estados e regiões, que não as grandes metrópoles brasileiras.

Ferreira e Diniz (1995, p. 50) destacam os indicadores apresentados nas principais regiões industriais do Brasil, entre 1970 e 1990: “A área metropolitana de São Paulo veio a se constituir, ao longo deste século, na maior concentração de atividades industriais e urbanas e de população do País. Em 1970, sua participação na produção e no emprego industriais do

Brasil atingiu, respectivamente, 44% e 34%. Essa participação, entretanto, caiu para 26% e 25% em 1990 [...]”. Observa-se uma mudança no padrão urbano brasileiro, desconcentrando-se enquanto a economia nacional experimenta e reflete os efeitos da globalização. Faria (1991, p. 103) mostra que nas décadas de 1960 a 1980 surgiram 386 cidades em território nacional com mais de 20 mil habitantes. Não por acaso, os anos 1970 apontam avanço industrial na vasta maioria do território brasileiro.

Nesse quadro de metamorfose socioeconômica com dimensão espacial, a região Sul do Brasil não representa um caso à parte. Impulsionada a partir da 2ª guerra mundial, a indústria desta região dá, após o sudeste, a maior contribuição ao produto interno brasileiro. Os setores que deram base a esse crescimento são apontados por Pacheco (1996, p. 116):

O Sul vai gradativamente ampliando sua participação, devido ao crescimento da metal-mecânica, [...] da têxtil de Santa Catarina, da indústria de papel e celulose do Paraná e Rio Grande do Sul e, por fim, pelo acelerado processo de integração da agropecuária com a agroindústria nos três estados.

Sobretudo a partir de 1970, a região também assistiu a diversificação de seu parque industrial, tendo a Região Metropolitana de Curitiba, a região de Caxias do Sul e o Nordeste Catarinense como ícones deste processo. As especificidades de Santa Catarina são tratadas por Lins (2003), que mostra que o fortalecimento da estrutura industrial do estado se deu por ramos dinâmicos, como o complexo metal-mecânico, e com ramos tradicionais, como o complexo têxtil-vestuário e de alimentos.

Uma vez que a desconcentração produtiva brasileira não é constituída pelo traslado do parque fabril ou abandono de antigas áreas industriais, mas, sim, pelos novos investimentos, que buscam áreas mais propícias aos seus processos produtivos – em uma espécie de polarização reversa –, surgem também, problemas. Para Pacheco (1996, p. 127) “há desconcentração mas não reversão da polarização, porque não existem alternativas de polarização externas a São Paulo”. E ainda que a economia brasileira tenha se desconcentrado, Pacheco (1996) se mostra atento à tônica da competição inter-regional, advertindo sobre a fragmentação da economia brasileira. Isso porque não é estranha aos movimentos de novas bases produtivas a existência de guerras fiscais, onde é comum estados e municípios travarem intensas disputas para a conquista de uma planta industrial. O setor automobilístico é prova viva desse fenômeno. Portanto, ainda que o dinamismo se faça presente em algumas regiões, ele não se mostra na economia nacional como um todo.

Não obstante, o movimento de desconcentração industrial brasileiro é ameaçado pela ótica administrativa das empresas. Ao reestruturar sua economia, na década de 1990, o Brasil

se engatou à dinâmica estratégica dos conglomerados transnacionais, que introduziram importantes mudanças na organização produtiva de tipo fordista. O que está sob o véu da flexibilização produtiva e o difundido sistema *just-in-time*, é o estreitamento das relações inter-firmas, e uma conseqüente aproximação física, lubrificando um funcionamento coordenado. Aumentou ainda o grau de especialização necessário da mão de obra, reforçando – como assinala Pacheco (1996, p. 133), o:

[...] papel de centros urbanos com mercado de trabalho altamente qualificado, excluindo regiões com sistemas educacionais e culturais debilitados, que tendem a ser repositórios de atividades de baixos salários, baixa qualificação e baixa qualidade de vida, realimentando o processo de exclusão.

Esses movimentos no processo de ocupação do território brasileiro representam apenas algumas das dinâmicas inter-regionais no país. É importante perceber que nessas dinâmicas estão presentes lacunas para que o Estado possa dinamizar e desenvolver sua economia. O combate das disparidades regionais faz necessária uma ação pública ativa, sobretudo no provimento de infraestrutura, cujo montante necessário e a rentabilidade auferida não são interessantes, de um modo geral, ao setor privado. É necessário olhar atentamente para as regiões, e no caso da economia catarinense – na qual se insere este estudo – estimular o dinamismo além dos municípios de Joinville, Blumenau, Florianópolis, Criciúma e Chapecó. Isto é, utilizar as heterogeneidades do estado em prol do crescimento e desenvolvimento econômico próprio. Deste modo, compreender as particularidades e diferenças entre as regiões e os municípios catarinenses é fundamental.

### **3. Diversificação industrial como força dinamizadora**

É comum aos estudos econômicos com enfoque regional o destaque para a importância da especialização produtiva, como meio de alcançar etapas superiores no processo de desenvolvimento econômico. Em geral, a especialização produtiva de uma região é tida como reflexo do aprofundamento do processo de globalização das cadeias produtivas. A especialização seria a via de escape para que as regiões possam manter – ou aumentar – sua inserção nas dinâmicas do sistema capitalista. Nesse contexto, cada região desenvolve uma “resposta própria”, a fim de se adequar ao jogo de forças das dinâmicas globais.

É neste âmbito que pesquisadores, ao identificarem especializações produtivas territoriais, frequentemente adotam o pressuposto de que a especialização é a melhor saída à internacionalização dos processos produtivos. Joly (2007), por exemplo, que identifica a

existência de uma especialização produtiva de celulose – na faixa litorânea entre o sudeste baiano e centro-norte do Espírito Santo – afirma:

O espaço global, portanto, se reorganizou para atender às novas necessidades do processo produtivo, que não conhece mais as fronteiras regionais, territoriais ou culturais. As regiões, na realidade, aparecem como distintas versões da globalização, combinando os vetores modernizantes externos com as potencialidades encontradas localmente. Em decorrência, *enquanto se difundem os modernos processos produtivos, a própria produção se especializa regionalmente, fazendo com que as regiões deixem de diversificá-la* (JOLY, 2007, p. 20, grifo próprio).

A ideia de que as regiões se especializem diante da enorme complexidade dos modernos processos produtivos globais se reproduz na literatura – sendo o caso acima citado apenas um exemplo. Contraponto crucial é encontrado em Breitbach (2003; 2007), que expõe que as dinâmicas regionais podem ser explicadas também pela diversificação industrial. A autora compartilha com o presente estudo uma observação que se constitui no pano de fundo de sua discussão: “[d]e maneira geral, a especialização tornou-se palavra-chave para se obter uma inserção competitiva no mercado mundial, constituindo-se em pré-requisito para o bom desempenho econômico” (BREITBACH, 2007, p. 28).

O fato é que podem existir diversos fatores explicativos para as dinâmicas regionais, sendo que a diversificação industrial não deve ser desconsiderada. “Uma indústria diversificada dá oportunidade a que os ramos com melhor desempenho substituam aqueles que passam por dificuldades, conforme a conjuntura. O desemprego em um ramo pode significar absorção de mão de obra por outro” (BREITBACH, 2007, p. 30).

Deste modo, uma região diversificada corre menores riscos, sobretudo em momentos de turbulência econômica, principalmente no que diz respeito ao nível de empregos. Por motivos lógicos uma região diversificada não passa a operar inerte no jogo de forças econômicas do sistema capitalista, mas se torna comparativamente menos volátil às variações de ordem macroeconômica.

Contrarrestando a tendência dominante, os estudiosos dos “meios inovadores” não compartilham da ideia que o desenvolvimento regional deva fundar-se sobre a especialização produtiva. Alguns salientam que as regiões diversificadas – por disporem de um tecido industrial mais flexível – estariam mais aptas a reagir a situações de riscos e incertezas, que caracterizam a economia globalizada. [...] Com efeito, tem-se verificado que regiões altamente especializadas podem sofrer fortes oscilações em seu ritmo de crescimento, muitas vezes trazendo consequências significativas para o conjunto da organização sócio-territorial correspondente (BREITBACH, 2008).

Ademais, possuindo determinada região fatores que, além de terem estimulado a diversificação industrial, permitem a consolidação dessa indústria, como salários relativamente baixos e bons níveis de escolaridade, é possível que ela possa responder aos desafios incrustados no capitalismo moderno.



Admitindo que certas unidades territoriais possam ter uma estrutura produtiva diversificada, podendo, ainda, levá-las a um melhor encaixe nas dinâmicas capitalistas, surge a necessidade de mensurar a intensidade da diversificação/especialização territorial. Para isso, Almeida e Ribeiro (1991) criaram uma tipologia – que também foi utilizada e complementada por Breitbach (2008) – batizada de Indicador de Singularidade/Pluralidade dos Centros Urbanos<sup>3</sup>, visando estabelecer o grau de diversificação de uma unidade territorial. Tal tipologia tem como base o Valor da Transformação Industrial – VTI, indicador calculado pelo IBGE que diz respeito ao valor que o trabalho exercido em cada estabelecimento industrial acresce ao valor das matérias-primas, componentes e materiais consumidos. Nesse sentido, o estudo de uma região específica requer a estratificação do VTI pelos gêneros industriais, onde o grau de diversificação ou especialização é mensurado da seguinte maneira:

Quadro 2 – Classificação industrial por gêneros

<b>Característica</b>	<b>Valor da Transformação Industrial</b>
1) Centros fortemente monoindustriais	Um gênero detém 75% ou mais do VTI.
2) Centros monoindustriais	Um único gênero detém entre 50% e 75% do VTI, ou; Um único gênero detém entre 45% e 50% do VTI, desde que não haja outros gêneros que respondam por mais de 10% do VTI.
3) Centros bipolares	Dois gêneros com VTI acima de 10% cada, sendo que pelo menos um deles é responsável por mais de 25% do VTI.
4) Centros com tendência à diversificação	Três gêneros superiores a 10% cada, sendo que, juntos, perfazem mais de 60% do VTI total.
5) Centros diversificados	Três gêneros superiores a 10% cada, cuja soma não ultrapasse 60% do VTI total.
6) Centros fortemente diversificados	Quatro gêneros superiores a 10% cada, cuja soma não ultrapasse 60% do VTI total.

Fontes: Almeida e Ribeiro (1991) e Breitbach (2008). Elaboração própria.

Todavia, o VTI é pesquisado com o compromisso, do IBGE, de confidencialidade dos dados em nível de empresa, fazendo com que o instituto não disponibilize o VTI em escala municipal. Contudo, é possível utilizar outras duas variáveis estratificadas por atividade industrial, a fim de estabelecer o grau de diversificação da indústria: a) emprego industrial, e; b) arrecadação de ICMS. Disponibilizado pela base de dados da RAIS, o nível de empregos é um importante indicador para a análise de uma socioeconomia. Alguns leitores se mostrarão

<sup>3</sup> Almeida e Ribeiro (1991) utilizaram sua tipologia apenas para os centros urbanos de maior expressão no Brasil, análise esta que excluiu inúmeros centros regionais – a exemplo do caso analisado por este artigo. Interessante ressalva é feita pelos autores: “Sua principal restrição vincula-se à questão da escala de representação do mapa [...], que gerou a obrigatoriedade de estabelecer um patamar mínimo [...], o que excluiu da análise algumas áreas industriais que têm peso importante no processo de industrialização nacional. Pode-se argumentar que [...] uma série de centros do Sul [do Brasil], que não entraram na análise, são regionalmente importantes, com suas pequenas indústrias fornecendo insumos para segmentos importantes da agricultura e mesmo para outras indústrias maiores” (ALMEIDA; RIBEIRO, 1991, p. 80).

céticos em relação ao uso da base de dados da RAIS, dado que ela se apoia nas informações divulgadas pelos empregadores, e ainda desconsidera a porção informal dos empregos da economia. Porém se trata da fonte mais segura e objetiva de dados de emprego industrial no país, permitindo ainda uma análise da evolução histórica do nível de empregos.

Para enriquecer a análise, bem como para complementar o estudo do número de empregos, será utilizada a mesma tipologia, com base na arrecadação de ICMS do município, disponibilizado pela Secretaria Estadual da Fazenda de Santa Catarina – SEF/SC. Esta análise também é passível de críticas, pois os produtos para exportação são isentos de ICMS e, ainda, setores com micro e pequenas empresas costumam apresentar isenções, deferimentos ou omissão de pagamento tributário. Todavia, é um indicador importante, pois suas variações acabam por retratar as oscilações da atividade econômica de um setor industrial. E ainda, a principal preocupação com o uso do “ICMS industrial” está ligada, fundamentalmente, em melhor analisar as atividades não intensivas em mão de obra, que ficam subestimadas em uma análise de nível de emprego.

#### **4. Diversificação industrial rio-sulense**

A representatividade da indústria em Rio do Sul é exposta pelos seguintes números: 39,19% do Produto Interno Bruto (IBGE, 2010b); 32,49% do Emprego Formal (RAIS/MTE, 2012), e; 54,01% da arrecadação de ICMS do município (SEF/SC, 2012). Estes dados, sobretudo de arrecadação, revelam a importância da indústria para a economia rio-sulense. O PIB industrial é mais elevado do que no estado de Santa Catarina – 34,09% (IBGE, 2010b). Todavia, é comparativamente baixo em relação a cidades como Joinville (45,53%) e Blumenau (40,32%), o que, entretanto, não significa que a indústria assuma importância menor para Rio do Sul. Isso porque é graças à indústria local que se forma no município o setor de serviços, dinamizando-o.

Ademais, trata-se do setor industrial mais denso do Alto Vale do Itajaí, uma microrregião com considerável dimensão territorial – terceira maior de Santa Catarina, com 6.797km<sup>2</sup>, 7,9% de SC (IBGE, 2010a) – e com municípios de baixa população – média de 7.387 habitantes/município, excluindo Rio do Sul. Essas duas características combinadas demandam a existência de um município polo, e Rio do Sul responde a essa necessidade. E isso se deve à sua indústria, que gerou a maior concentração populacional e urbana da região e, ainda, pressionou pela existência de um setor de serviços que acaba por atender não só o

município, mas todo o seu entorno – como é o caso, por exemplo, da saúde pública e privada da região, onde o Hospital Regional Alto Vale é o centro de gravidade.

Partindo do pressuposto de que Rio do Sul é o município polarizador do Alto Vale do Itajaí, é preciso sublinhar que o município concentra apenas 22,71% da população desta região (IBGE, 2010a). Os outros dois municípios anteriormente citados – Joinville e Blumenau – concentram, respectivamente, 61,86% e 46,02% da população de suas microrregiões (IBGE, 2010a). Estes dados indicam que o setor de serviços rio-sulense atende, de fato, uma porcentagem maior de pessoas que estão fora do município. Isso faz com que o setor seja proporcionalmente maior em Rio do Sul do que nos outros dois municípios. Assim, reforça-se a afirmação de que os 39,19% de participação no PIB rio-sulense pelo setor industrial não justificam a afirmação de que ele não dinamiza tal economia.

Abaixo, na tabela 1, são sistematizadas as informações até agora apresentadas sobre Rio do Sul. Tais informações compõem um retrato do cenário contemporâneo no município.

Tabela 1 – Indicadores socioeconômicos de Rio do Sul

Setor	Agropecuária		Indústria**		Comércio e Serviços		Total	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
<b>PIB (2010)</b>	R\$ 16.757.000	1,26	R\$ 521.514.000	39,19	R\$ 792.513.000	59,55	<b>R\$ 1.330.784.000</b>	<b>100</b>
<b>Emprego Formal (2012)</b>	117	0,44	8.663	32,49	17.884	67,07	<b>26.664</b>	<b>100</b>
<b>Arrecadação ICMS (2012)</b>	R\$ 47.424*	0,08*	R\$ 30.733.628	54,01	R\$ 26.125.412	45,91	<b>R\$ 56.906.465</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE, 2010b; RAIS/MTE, 2012; SEF/SC, 2012.

\*A grande maioria dos produtos agrícolas possui deferimento de ICMS, repassando ao comerciante o recolhimento do imposto.

\*\* Exclusive construção civil.

#### 4.1 Setores produtivos de Rio do Sul

Uma vez assinalado que é a indústria a principal responsável pelo dinamismo socioeconômico do município de Rio do Sul, é necessário aprofundar a análise, identificando os diferentes segmentos presentes – dada a diversificação produtiva que a indústria local apresenta. Primeiramente serão apresentados os principais setores e empresas que compõem o parque industrial local – com informações coletadas em entrevistas com empresários,

diretores e sindicatos laborais e patronais. Em seguida, serão sistematizados os dados de emprego e arrecadação de ICMS por setor.

#### 4.1.1 Eletrometalmecânico

O complexo industrial formado pelos setores eletrônico de comunicação, metalúrgico e mecânico é responsável por 40% do emprego industrial do município (RAIS/MTE, 2012), e ainda responde por 61,8% da arrecadação de ICMS em Rio do Sul<sup>4</sup>. São dados que fazem deste complexo, indiscutivelmente, o mais relevante. Entretanto, não é possível apontar uma empresa ou algum produto fabricado que seja destaque. Tal complexo revela considerável diversificação, sendo a totalidade das empresas nativas do município, e a maioria delas – como será visto – atraindo investimentos externos sob a forma de *joint-ventures*. Exemplo da sinergia presente entre as empresas deste setor é a criação, em 1973, do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico de Rio do Sul – SIMMMERS. Não obstante, são empresas que alcançam destaque em nível nacional nos segmentos em que atuam, revelando esforço e engajamento por parte de empresários e trabalhadores. Algumas das principais empresas são: Frahm, Riosulense, H-Bremer, Hergen, Metalciclo, Vedamotors e Bovenau.

A Frahm iniciou suas atividades, na década de 1940, como uma oficina de conserto de rádios, e em 1961 inicia, de fato, a produção de seus próprios rádios – batizados de Transisfracm. Em 1969 passa a fabricar caixas amplificadas, que a partir dos anos 2000 tornam-se o principal produto da empresa. No decorrer de sua trajetória – em 1986 – a empresa criou a Hinor, que produz alto-falantes. Com uma produção em torno de 20 mil unidades por mês, entre caixas acústicas e amplificadas, é a segunda maior fabricante brasileira de caixas acústicas – sendo líder no segmento multiuso – e a terceira maior fabricante nacional de alto-falantes (FIESC, 2013, p. 46). Emprega cerca de 420 funcionários. Como possui uma estrutura bastante verticalizada, o valor adicionado pela empresa tende a ser considerável, o que se reflete em maior recolhimento de ICMS.

A Metalúrgica Riosulense nasceu em 1946, é considerada a primeira empresa do setor metalmeccânico de Rio do Sul. Iniciou suas atividades como uma pequena oficina de manutenção, que atendia serrarias e fecularias do município. Em 1956 a Riosulense entra no mercado nacional de reposição de autopeças, fabricando guias e sedes de válvulas para

---

<sup>4</sup> Os 61,8% de arrecadação de ICMS equivalem à média de arrecadação anual entre os anos de 2008 e 2013, disponibilizados pela Secretaria Estadual da Fazenda de Santa Catarina.

motores *diesel* de caminhões. A partir daí foi conquistando sua posição no mercado e também diversificando sua produção. Os anos 2000 significaram grande crescimento da empresa, com vendas diretas para as montadoras de caminhões instaladas no Brasil, o que ampliou o tamanho econômico da Riosulense e também o emprego do município. Uma vez que transforma metal cru em peças refinadas, de alta precisão, possui alto valor adicionado, gerando boa quantidade de ICMS ao poder público. Emprega atualmente 1.050 funcionários, responde por 80% do mercado de reposição nacional nas linhas em que atua, e fornece seus produtos para todas as montadoras de caminhões instaladas no Brasil. Com uma produção média de 2 milhões de peças por mês, utilizando 1.700 toneladas/mês de metal líquido, é considerada a maior fabricante latinoamericana de guias, sedes e tuchos mecânicos de válvulas e fundidos em ligas especiais.

As atividades da H-Bremer também se iniciaram como uma pequena oficina que atendia serrarias e fecularias do município e região. Seu fundador, inclusive, havia trabalhado como torneiro mecânico na Riosulense. E, assim como esta empresa, a H-Bremer preocupou-se em alterar o foco da sua produção – sobretudo serrarias –, para a fabricação de caldeiras, que se tornou a principal atividade da empresa já na década de 1970. Essa decisão proporcionou forte crescimento para a antiga oficina, e hoje a H-Bremer figura como uma importante fabricantes de caldeiras e aquecedores de fluido térmico. Com 161 funcionários (FIESC, 2013, p. 45), e fabricando entre 20 e 30 caldeiras por ano – que chegam a ter capacidade de 80 metros cúbicos de vapor/hora – a empresa utilizou em 2012 mais de 2,5 mil toneladas de aço na fabricação, tendo uma participação de 10 a 15% do mercado nacional. Em 2000 realizou importante *joint venture* com a portuguesa Marcovil Metalomecânica, sendo criada a Brevil. Instalada em Rio do Sul, a empresa atua na fabricação de equipamentos para movimentação e elevação de cargas, possuindo 65 funcionários. Não obstante, ainda nos anos 2000, cria a Grubras – fabricante de guias, instalada no município de Indaial/SC – também em parceria com a Marcovil.

A empresa Hergen Máquinas e Equipamentos foi fundada em 1975, oferecendo serviços mecânicos ao setor madeireiro da região de Rio do Sul, incluindo a própria Hergen. Logo a empresa começa a fabricar maquinário para produção de papel, e em 1979 compra a Indústria Mecânica Cavallari, de São Paulo (primeira empresa brasileira a produzir maquinário para a indústria do papel). A partir de então, a Hergen começou a consolidar-se no mercado, fornecendo maquinário para a indústria do papel nacional e estrangeira, sendo conhecida hoje como Hergen Paper Machinery, empregando 190 trabalhadores (FIESC, 2013, p. 44).

A Metalciclo foi fundada, em 1980, por uma família de imigrantes austríacos, que trouxe da Europa experiência na fabricação de peças para bicicletas. Fabricando inicialmente contrapedais, a empresa entrou em crise e foi vendida em 1985 para dois empresários rio-sulenses (entre eles o proprietário da H-Bremer), quando se iniciou uma grande fase de ascensão da empresa no mercado. Continuou na fabricação de contrapedais, mas se reestruturou e diversificou sua produção, passando a fabricar guidões, descansos e pedais – sendo o último o carro chefe da empresa. Em 1990 as duas maiores montadoras de bicicletas brasileiras – Caloi e Monarq – deixam de fabricar seus próprios pedais, e a Metalciclo conquista grande aumento nas suas vendas. A empresa chegou aos anos 2000 consolidando sua posição como maior fabricante de pedais da América Latina. Isso permitiu que a empresa firmasse uma *joint venture*, em 2005, com a italiana Selle Royal, maior fabricante mundial de *sellins*. Assim, foi criada em Rio do Sul a Royalciclo, atualmente é tida como a 5ª maior fabricante de pedais no mundo, sendo a maior da América Latina e tendo produzido 8,6 milhões de pares de pedais em 2013. Com 280 funcionários, a empresa ainda produziu 25 mil *sellins* por dia, além de guidões e descansos.

Fundada em 1991, a Vedamotors é fabricante de juntas para motores, sobretudo de motocicletas. Inicialmente atendendo lojas de motocicletas, a empresa procurou atingir ganhos de qualidade e produtividade, por meio de participação em feiras internacionais do setor. Daí surge a proposta de sociedade com a italiana Athena<sup>5</sup>, que adquire metade da Vedamotors em 1998. A Vedamotors passou a ser responsável pela produção e distribuição de peças do grupo Athena na América Latina. Atualmente possui cerca de 100 empregados, produzindo mais de 4,5 milhões de peças por mês, fornecendo aos principais fabricantes de motocicleta instalados no Brasil (Yamaha, Dafra, Suzuki, Kasinski, entre outras), e também equipamentos para jardim e floresta (Husqvarna e Stihl). No seu portfólio constam, por exemplo, juntas em papelão hidráulico, juntas metálicas, juntas em borracha, e produtos químicos.

Por fim, cabe destacar a Bovenau, que é fabricante de macacos e equipamentos hidráulicos. Teve origem na Cassava/SA, empresa rio-sulense, ligada à produção de fécula de mandioca. A Bovenau é criada em 1989, a partir de oportunidade de fornecer a Autolatina (antiga *joint-venture* entre a Volkswagen e Mercedes-Benz). Deste modo, foram intrínsecos à criação da empresa rigorosos controle e processo de qualidade. Conforme se mostrava capaz de atender às necessidades da Autolatina, a empresa passou a atender outras montadoras, além

---

<sup>5</sup> A empresa é líder mundial na fabricação de elementos para vedação para motores. Possui unidades de fabricação na Itália, Espanha, EUA, Índia, China e no Brasil, com a Vedamotors.

de diversificar sua produção. Em 1997 entra no mercado nacional de reposição. Em 2004 firma *joint-venture* com a alemã Weber-Hydraulic<sup>6</sup>, instalando em Rio do Sul a Weber-Bovenau, fabricante de *tilt-cabs* (cilindros hidráulicos para basculamento de cabines de caminhões). A Bovenau é atualmente a maior fabricante nacional de macacos hidráulicos para montadoras de veículos, sobretudo caminhões, atendendo às marcas Mercedes-Benz, Volkswagen, Volvo, Ford, Iveco, Agrale, entre outras. Com unidades fabris em Rio do Sul e Laurentino, possui 175 funcionários, sendo fornecedora exclusiva de 90% das montadoras de caminhões instaladas na América do Sul. É considerada, ainda, como a única fabricante de macacos hidráulicos latinoamericana a cumprir todos os padrões internacionais de qualidade nos seus equipamentos.

#### 4.1.2 Têxtil e vestuário

O município de Rio do Sul, inserido no Vale do Itajaí, não foge à regra da consolidação do setor têxtil e vestuarista da mesorregião. Todavia, possui particularidades fundamentais que o distinguem de Blumenau, município protagonista desse processo. No último caso, o nascimento da indústria têxtil e do vestuário foi intrínseco ao processo de formação daquele município. Já na economia rio-sulense, o setor de vestuário começa a aparecer apenas na passagem da década de 1970 para a de 1980, ganhando peso a partir de então. É necessário sublinhar que a forte presença corresponde ao setor de vestuário, não ao têxtil. Destacar algumas empresas constitui complicada tarefa, dado que o tecido empresarial formado por este setor é composto por grande número de micro e pequenas empresas, além de algumas de porte médio. De fato, são muitas confecções, facções e também um certo número malharias. Em dezembro de 2013 estavam registradas no município 294 empresas, que empregavam 2.749 trabalhadores (SITITEV, 2013).

Todavia, ao analisar o processo histórico de formação deste setor, é indiscutível o destaque que ganhou a empresa Sulfabril. Suas operações em Rio do Sul iniciaram-se no início dos anos 1980, quando ainda era tímida a presença de empresas ligadas ao setor de vestuário. Utilizando principalmente mão de obra oriunda do meio rural, a Sulfabril – de fato – percebeu um excelente potencial na região, onde encontrou mão de obra disciplinada, produtiva e barata. Engajando rio-sulenses e trabalhadores dos municípios vizinhos, a empresa chegou a deter cerca de 1.400 postos de trabalho em seu auge produtivo no

---

<sup>6</sup> Trata-se da maior fabricante mundial de equipamentos hidráulicos. Empresa de capital alemão, possui duas unidades fabris na Alemanha, duas no Brasil (Rio do Sul e Caxias do Sul), bem como na Áustria, Polônia, EUA, Canadá e Índia.

município, no início da década de 1990. Apenas a Frahm possuía número de empregados equivalente, sendo que esta empresa já existia no município desde a década de 1940. Assim, não se pode negar que a Sulfabril foi responsável por uma significativa mudança no mercado de trabalho e na estrutura produtiva de Rio do Sul. Em questão de uma década o município deixou de ter pouquíssimos empregos ligados ao setor de vestuário e passou a ter mais de 1.000 trabalhadores engajados nessa atividade.

A abertura comercial brasileira, por sua vez, impôs inúmeras barreiras às atividades da Sulfabril, que começou a reduzir seu quadro de funcionários, decretando falência em 1999. Logicamente, não se pode desconsiderar o impacto negativo que muitos trabalhadores e famílias rio-sulenses vivenciaram enquanto a empresa retraía o número de empregados e atrasava salários, finalmente culminando no fechamento das portas. Mas, em termos agregados, o setor vestuarista em Rio do Sul continuou crescendo. Isso porque, se as grandes empresas do setor têxtil experimentaram retração de suas atividades, elas também desverticalizaram a sua produção – a fim de realizar o *catch-up* produtivo, conforme analisou Castro (2001). Essa desverticalização representou uma oportunidade ímpar para inúmeras facções e confecções, que passaram a ser fornecedoras das empresas maiores. A Sulfabril qualificou inúmeros trabalhadores, e aqueles que não tentaram abrir o negócio próprio figuravam como excelente mão de obra disponível para as novas empresas. Isso permitiu o surgimento e a consolidação de inúmeras facções e confecções, levando ao cenário contemporâneo do setor de vestuário no município.

Respondendo por 30% do emprego industrial rio-sulense (RAIS/MTE, 2012), esse setor perde apenas para o complexo eletrometalmeccânico. Cabe destacar a presença de trabalho informal em tal setor, sobretudo nas menores facções, que atendem até empresas de fora do estado<sup>7</sup>. Vários desses trabalhadores tentam, perante as poucas exigências de capital, ter o negócio próprio, já que possuem o mínimo de conhecimento técnico para a fabricação. Como muitas destas micro facções possuem pequena escala e poucos clientes, dos quais depende o sustento próprio, a solução – para redução de custos e inserção de mercado – é, por vezes, a informalidade.

Por outro lado, consolidam-se confecções com situação mais confortável no mercado. Algumas destas empresas começam a ganhar destaque inclusive no cenário nacional. Podem-se ser destacadas – arbitrariamente pelo autor – as empresas Daksul, Monnari, Visual, Star

---

<sup>7</sup> É comum a formação de cadeias produtivas dentro do próprio município. Uma confecção pode terceirizar parte de seu processo produtivo com uma facção rio-sulense, e ainda esta, pode terceirizar para facções menores algumas etapas, estabelecendo-se complexas cadeias de vínculos entre as empresas do município.



Luck, Carlan, Indulto, Dulmar, Rafree e Costa Pública. Característica que une a vasta maioria desse conjunto de empresas em Rio do Sul é a ligação produtiva com o *jeans*. De fato, o município se proclamou em fins dos anos 1990 como “capital nacional do jeans”. Por último, o setor vestuário e têxtil representa 17% da arrecadação de ICMS no município, entre os anos de 2008 e 2013, segundo dados da SEF/SC.

#### 4.1.3 Alimentar

O setor alimentar representa a 3ª fonte de empregos e arrecadação de ICMS em Rio do Sul. Com 15% do emprego industrial do município (RAIS/MTE, 2012) e 7% da arrecadação de ICMS<sup>8</sup>, o segmento se mostra relevante para a socioeconomia em questão. Quem responde mais amplamente por tais indicadores é o Frigorífico Riosulense, que passou a se chamar Pamplona Alimentos em 2013 – figurando como uma grande empresa do setor alimentar.

Fundada em 1969, suas atividades já haviam iniciado, de fato, em 1948, quando um humilde casal de agricultores inicia por acaso o abate de bois em Agronômica, no Alto Vale. Com ferramentas rústicas, processo totalmente manual e aperfeiçoando as técnicas com a própria experiência, as vendas para o mercado regional cresciam. Em 1969 são inauguradas as novas instalações, na atual sede da empresa, em Rio do Sul. A partir de então, desenvolveu-se uma empresa com técnicas profissionais, que passou a buscar melhorias constantes em seu processo produtivo a fim de equiparar-se aos melhores desempenhos em seu segmento, que é notável na economia catarinense. Na década de 1980 é inaugurada uma fábrica de rações em Laurentino, e em 1989 é realizada a compra de um frigorífico de abate de suínos em Presidente Getúlio (ambos os municípios no Alto Vale do Itajaí).

A partir daí, a industrialização da carne suína passou a ser a principal atividade da empresa. Sob o status de carne livre de febre aftosa sem vacinação, a empresa alcançou o mercado externo, sobretudo no início dos anos 2000, quando o câmbio brasileiro passou a ser flexível, alavancando as exportações. Atualmente exportando carne suína para mais de 30 países, entre eles o Japão (país mais exigente em termos fitossanitários), a empresa se consolidou como uma das maiores exportadoras de carne suína do Brasil, com abate de 5.600 suínos/dia, e empregando mais de 1.600 funcionários em suas três unidades (Rio do Sul – matriz, Presidente Getúlio e Laurentino) (FIESC, 2013, p. 54).

A Pamplona ainda terceiriza a industrialização de embutidos voltados para o mercado interno e MERCOSUL em dois frigoríficos do Rio Grande do Sul, nas cidades de

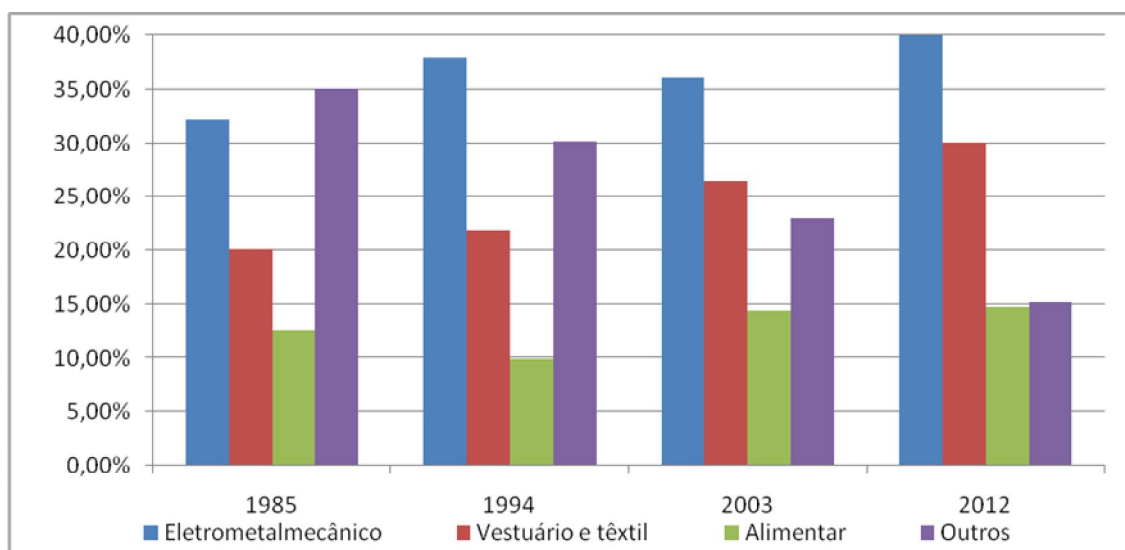
---

<sup>8</sup> Cálculo feito a partir da média entre os dados anuais dos anos de 2008 a 2013, dados da SEF/SC.

Tupanceretã e Estação – Mesorregiões Centro Ocidental e Noroeste Rio Grandense. Trata-se, enfim, da maior empresa rio-sulense em termos de faturamento, que foi de R\$600 milhões em 2012, obtendo a 555ª posição no ranking das 1000 maiores empresas brasileiras (VALOR ECONÔMICO, 2012), além de ser a 11ª maior empresa exportadora catarinense (FIESC, 2013). Em 2014, serão consolidados investimentos no município de Rio do Sul visando a industrialização dos produtos embutidos. Assim, boa parte da terceirização nos frigoríficos gaúchos deixará de ocorrer, e deverá aumentar o número de empregos e a arrecadação tributária na sua unidade matriz.

#### 4.2 Visão de conjunto: em busca de uma sistematização

Para melhor compreender os indicadores de emprego e arrecadação assinalados até aqui, expõem-se a seguir alguns gráficos e tabelas que permitem melhor compreender a realidade socioeconômica do município de Rio do Sul.



**Figura 2 – Emprego industrial rio-sulense 1985-2012 por complexos industriais**

Fonte dos dados: RAIS/MTE, diversos anos. Elaboração própria.

Primeiramente, constata-se (a partir da figura 2) que os três setores até agora abordados dinamizam, de fato, a socioeconomia local, respondendo – em 2012 – por praticamente 85% do emprego industrial. O olhar sobre o período de 3 décadas mostra que a economia de Rio do Sul vem se especializando nestes três setores, uma vez que em 1985 estes respondiam por 65% do emprego (o que já era relevante). Os setores de madeira e cerâmica têm perdido

participação no emprego local, um movimento contrabalançado pela absorção pelos setores locais mais dinâmicos.

Como uma parcela cada vez menor de trabalhadores está empregada em outros setores, encontrar mão de obra se tornará – ou se tornou – um problema para as empresas dos setores em expansão. Migrações para Rio do Sul podem suprir essa necessidade, caso ocorram em volume suficiente. A questão a responder é se o município é capaz de atrair a mão de obra que necessita.

Esta “especialização tripla” da economia rio-sulense, exposta na figura 2, reforça a ideia de diversificação da economia local. É necessário salientar que, por si só, a metalmeccânica possui subsetores bastante distintos, ainda que a fabricação ligada à indústria automobilística assuma maior parcela dos empregos. A estratificação pela Divisão CNAE 2.0 é apresentada na tabela 2, e ajuda a esboçar o padrão de diversificação de acordo com a tipologia proposta por Almeida e Ribeiro (1991), complementada por Breitbach (2008). São observadas quatro Divisões – em destaque na tabela 2 – com representação individual maior do que 10%, e que juntas respondem por 70,4% do emprego industrial do município: situação que não se enquadra em nenhum dos grupos da tipologia proposta pelos referidos autores.

Tabela 2 – Emprego industrial em Rio do Sul segundo Divisão CNAE 2.0 para o ano de 2012

Divisão CNAE 2.0	2012	
	Absoluto	Participação
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	2601	30,02%
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	1347	15,55%
Fabricação de produtos alimentícios	1283	14,81%
Fabricação de máquinas e equipamentos	868	10,02%
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	560	6,46%
Fabricação de equip. de informática, produtos eletrônicos e ópticos	435	5,02%
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	280	3,23%
Fabricação de outros equip. de transporte, exceto veículos automotores	234	2,70%
Fabricação de produtos de madeira	213	2,46%
Outros (menos de 2% de participação)	842	9,73%
<b>Total</b>	<b>8663</b>	<b>100,00%</b>

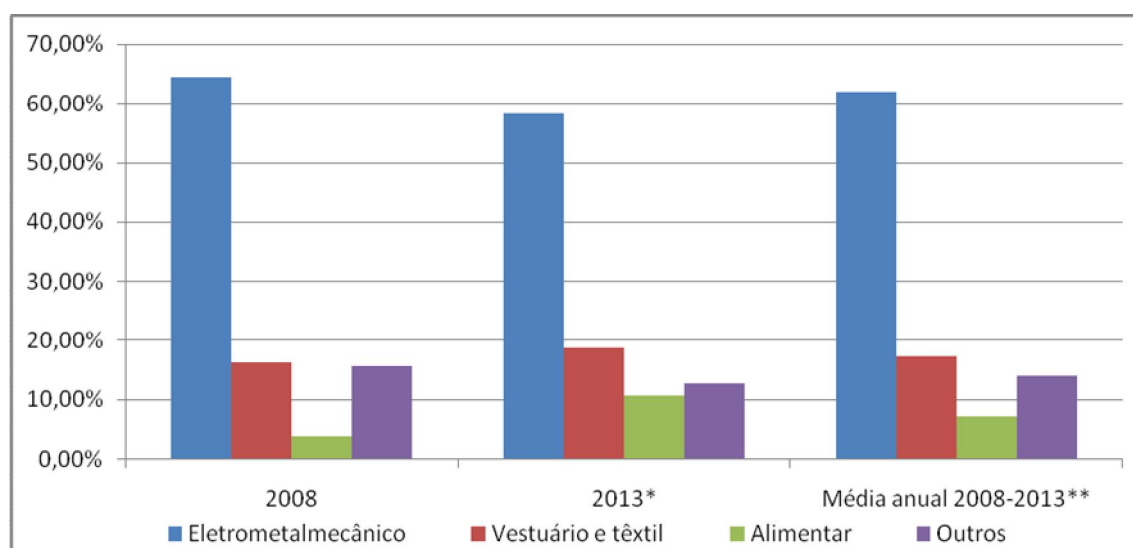
Fonte dos dados: RAIS/MTE, 2012. Elaboração própria.

Ainda assim, a tabela 2 sugere uma clara diversificação produtiva da economia, tendo o complexo eletrometalmeccânico participação em maior número de Divisões, enquanto que os setores do vestuário e alimentar concentram seu emprego em menor número de Divisões. Ademais, como possui atividades não intensivas em mão de obra, o setor metal-mecânico

acaba apresentando grupos dinâmicos e relevantes para a economia municipal com número comparativamente baixo de empregos, caso – por exemplo – da caldeiraria.

Também cabe considerar o mercado informal de trabalho, que possui grande representatividade na confecção de artigos do vestuário. O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Rio do Sul – SITITEV – acredita que existam 500 trabalhadores na condição de informalidade no município, mas se trata de uma estimativa, pois é trabalhosa e dispendiosa a obtenção deste dado. Não obstante, proprietários de facções entrevistados acreditam que este número seja subestimado. Como é necessário trabalhar com dados produzidos com rigor metodológico, cabe apenas a análise com os dados de emprego formal, fazendo ressalva sobre a informalidade presente no setor de vestuário. Nos outros setores aqui analisados, a presença da informalidade é irrisória.

Também é analisada a socioeconomia local sob a ótica da arrecadação de ICMS. Apesar de desfavorecer os setores que possuem exportações com grande representatividade, a análise da arrecadação é importante por complementar aquela baseada no emprego industrial, favorecendo as Divisões não intensivas em mão de obra (ver figura 3). Predominam os “três grandes” complexos até agora analisados, sendo necessário ressaltar que a arrecadação com produtos alimentares cresceu constantemente neste período, uma característica que deverá se fortalecer nos próximos anos.



**Figura 3 – Recolhimento de ICMS no município de Rio do Sul por complexos industriais**

Fonte dos dados: SEF/SC, diversos anos. Elaboração própria. \*Dados de 2013 compreendem o período de 01/01/2013 a 20/12/2013. \*\*Média anual do período 2008-2013.

Deve-se também lembrar que a Pamplona Alimentos exporta cerca de 50% da sua produção de carne suína – que fica isenta de ICMS. Finalmente, não se pode deixar de destacar o grande domínio que exerce o complexo eletrometalmecânico, por ser o que mais fornece “poder de fogo” à prefeitura, para o custeio de suas atividades e seus investimentos.

A análise da arrecadação de “ICMS industrial” por classes CNAE 2.0 é feita a seguir, na tabela 3, e auxilia a compreender o grau de diversificação da economia rio-sulense sob este aspecto.

Tabela 3 – Recolhimento de ICMS em Rio do Sul pela Divisão CNAE 2.0 no ano de 2012

Divisão CNAE 2.0	2012	
	Absoluto (R\$)	Participação
Fabricação de máquinas e equipamentos	5.331.846,41	17,35%
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	5.193.891,44	16,90%
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	5.026.151,35	16,35%
Fabricação de equip. de informática, produtos eletrônicos e ópticos	4.386.278,34	14,27%
Fabricação de produtos alimentícios	2.769.906,96	9,01%
Fabricação de produtos de madeira	1.968.130,82	6,40%
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1.463.117,14	4,76%
Fabricação de produtos têxteis	1.292.573,17	4,21%
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	946.169,51	3,08%
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	683.465,10	2,22%
Outros (menos de 2% de participação por Divisão)	1.672.098,14	5,44%
<b>Total</b>	<b>30.733.628,38</b>	<b>100,00%</b>

Fonte dos dados: SEF/SC, 2012. Elaboração própria.

Desta feita, são consideradas cinco Divisões com participação maior que 10%. Inclui-se a fabricação de produtos alimentícios devido ao aumento que haverá nos próximos anos, uma vez que a Pamplona Alimentos iniciará a industrialização de seus produtos embutidos em Rio do Sul a partir de 2014, bem como devido ao crescimento contínuo de outras empresas desse setor. Cabe sublinhar que a fabricação de produtos alimentícios já atingiu 10,49% do “ICMS industrial” rio-sulense em 2013 (SEF/SC, 2013)<sup>9</sup>.

Deve também aumentar, em termos proporcionais, a arrecadação relativa ao setor de vestuário, na medida em que empresas deixem a informalidade e a Secretaria Estadual da Fazenda imponha novos métodos de fiscalização tributária. Por fim, o município não se

<sup>9</sup> Os dados anuais de participação no recolhimento de ICMS do setor de fabricação de produtos alimentícios em Rio do Sul são expressos a seguir: 3,75% em 2008, atingindo 7,16% em 2010 e, finalmente, 10,49% em 2013.

enquadrou em nenhum dos grupos propostos pela tipologia de Almeida e Ribeiro (1991), complementada por Breitbach (2008). A tabela 4 sistematiza os resultados obtidos.

Tabela 4 – Participação das principais Divisões industriais no emprego e arrecadação de ICMS da indústria de Rio do Sul em 2012

<b>Variável</b>	<b>Participação</b>	<b>Divisões CNAE 2.0 com participação individual maior a 10%</b>	<b>Somatório da participação</b>
Emprego industrial		4	70,40%
Arrecadação de ICMS na indústria		5	73,88%

Fonte: elaboração própria, com base em: RAIS/MTE (2012) e SEF/SC (2012).

## 5 Considerações finais

Rio do Sul se mostra um caso fértil a ser estudado. Diante dos indicadores que foram analisados ao longo deste artigo, é possível sugerir que a diversificação da base produtiva de Rio do Sul é forte, o que gera sérias implicações na formulação de políticas econômicas e industriais, seja na esfera estadual ou na esfera federal, que atinjam a socioeconomia de Rio do Sul. Isso quer dizer que pensar e planejar o município exclusivamente em termos de um único setor não se revela adequado para promover o desenvolvimento de tal economia. Cabe reforçar que, mesmo que o complexo eletrometalmeccânico responda pela maior parcela, ele é – por si só – diversificado. Uma política em prol do mercado automobilístico nacional, por exemplo, não puxará a reboque a totalidade deste complexo.

O município de Rio do Sul reforça a ideia de que não necessariamente as unidades territoriais, mergulhadas no sistema capitalista, especializam, ou deixam de diversificar, suas bases produtivas. A diversificação produtiva de uma unidade territorial pode ser a saída encontrada para a manutenção do próprio dinamismo socioeconômico. Ou seja, frente à internacionalização das cadeias produtivas Rio do Sul se mantém dinâmico, e engatado às esferas mais amplas em que se insere. Isto se deve à diversificação de sua base produtiva, permitindo questionar a ideia de que as melhores possibilidades de inserção espacial no sistema capitalista residem nas especializações produtivas territoriais.

De fato, o município atravessou as três últimas décadas com sua dinâmica econômica assentada na diversificação industrial própria. Neste período, o Brasil viveu sua década perdida e, mais tarde, reestruturou sua economia, após diversos fracassos na aplicação de políticas de combate à inflação e em meio a crises pontuais em diferentes países do mundo. Estes fatos podem ter levado ao esvaziamento de inúmeras cidades e regiões do interior do

Brasil, mas certamente, aquelas que mantiveram seu dinamismo puderam vislumbrar um futuro comparativamente mais promissor – caso de Rio do Sul.

É necessário destacar que Rio do Sul não integra a “rota dos investimentos” de Santa Catarina. Quer-se dizer com isso que o maior crescimento econômico, os maiores avanços na formação bruta de capital fixo no estado, está nos grandes centros catarinenses e, por vezes, no eixo que os interliga. Nesse sentido, são protagonistas principais os municípios de Joinville e Blumenau – bem como os de seu eixo geoeconômico (Jaraguá do Sul, Itajaí, Brusque, Pomerode, Gaspar, Indaial e Timbó) –, Criciúma, Chapecó e Florianópolis. Portanto, ainda que cresça, Rio do Sul vê estes municípios apresentarem maior dinamismo, sendo que Rio do Sul tem como base apenas empresas nativas. Para a mudança deste quadro, a ação do poder público é fundamental, a fim de alavancar o desenvolvimento econômico do município, e por consequência, do Alto Vale.

As razões para o nascimento e consolidação de uma indústria diversificada são difíceis de pormenorizar. Em Rio do Sul, contudo, uma parcela importante da resposta está na própria sociedade rio-sulense, formada – principalmente – por imigrantes europeus que estavam às margens da revolução industrial europeia, onde pesam os grupos alemães e italianos. Por um lado, destaca-se o espírito empreendedor destes imigrantes, cujos descendentes exemplificam múltiplos casos de abertura de novos negócios que fizeram surgir um município industrialmente diversificado. Por outro lado, destaca-se a qualidade da mão de obra local, majoritariamente definida pelos empresários como produtiva e disciplinada – o que faz as empresas permanecerem na região, frente aos entraves encontrados por questões de distanciamento geográfico e logística.

Contudo, é irrevogável que Rio do Sul não se apresenta descolado de esferas mais amplas. As políticas esboçadas pelos governos federal e estadual, sobretudo nos anos 1940-1975, período de intensa industrialização no país, certamente são responsáveis pela estrutura industrial consolidada em Rio do Sul. O município é uma pequena engrenagem de uma grande máquina – sua dinâmica sempre esteve, e permanecerá, sujeita às oscilações político-econômicas de ordem nacional. Portanto, as particularidades ali existentes, algumas delas aqui analisadas, não explicam sozinhas o surgimento da indústria no município. Todavia, servem como um elemento chave para se compreender o porquê de nascer na exatidão daquela unidade geográfica um tecido industrial diversificado, constituindo-se em eloquente exemplo para se pensar a diversificação industrial como elemento dinamizador de diferentes territórios.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. S., RIBEIRO, M. A. C. Análise da organização espacial da indústria brasileira através de uma tipologia de centros industriais. In: **Atlas Nacional do Brasil**, Cadernos de Geociências (especial), IBGE, p. 61-81. Rio de Janeiro, dezembro de 1991.
- BACELAR, T. Globalização e Território. **Le Monde Diplomatique Brasil**, p. 8-10, jun. 2008.
- BREITBACH, A. C. M. **Une dynamique regionale fondee sur la diversification industrielle: l'expérience de la region de Caxias do Sul (Brésil)**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de Paris, Paris, 2003. 439 p.
- \_\_\_\_\_. A diversificação industrial como fator de crescimento da região de Caxias do Sul. **Análise: Revista de Administração da PUCRS**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 22-35, jan./jun. 2007
- \_\_\_\_\_. Especialização e diversificação nas regiões industriais do Rio Grande do Sul. In: **Textos para Discussão FEE nº31**. Porto Alegre, junho de 2008.
- CARDOSO, A. M. **Compêndio histórico e geográfico de Rio do Sul**. 1ª Ed. 1984.
- CASTRO, A. B. de. A reestruturação industrial brasileira nos anos 90. Uma interpretação. In: **Revista de Economia Política**, vol. 21, nº 3 (83), p. 3-26, jul.-set. 2001.
- FERREIRA, A. H. B., DINIZ, C. C. Convergência entre as rendas *per capita* estaduais no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 15, n. 4 (60), outubro-dezembro/1995. p. 38-56.
- FIESC, Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Santa Catarina em dados**. Unidade de política econômica e industrial. Florianópolis, 2013.
- IBGE. **Censos Demográficos de 2000 e 2010**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Rio do Sul. 2000; 2010a.
- IBGE. **Banco de dados agregados**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. 2010b. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Data do acesso: 20/12/2013.
- IPEA, IBGE, UNICAMP/IE/NESUR, IPARDES. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais: Sul**. Brasília, IPEA. Outubro de 2000, v.6., 206p.
- JOLY, C. **Especialização produtiva do território e circuito espacial produtivo de celulose em Eunápolis – BA**. 2007. 97 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.
- LINS, H. N. **A questão regional na aurora do século XXI: os desafios da globalização**. Ensaio FEE, v. 22, n. 2, p. 78-101, 2001.
- \_\_\_\_\_. Transformações econômicas e reflexos espaciais no Brasil meridional. In: PACHECO, C. A. Desconcentração econômica e fragmentação da Economia nacional. In: **Economia e Sociedade**, Campinas, (6): p. 113-140, jun 1996.
- RAIS/MTE. **Relação Anual de Informações Sociais**. Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT. 1985; 1994; 2003; 2012.
- SANTA CATARINA. **Atlas de Santa Catarina**. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. Subchefia de Estatística, Geografia e Informática. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1986, 173p.
- SEF/SC. **Estatísticas da arrecadação tributária**. Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Fazenda, Diretoria de Administração Tributária. 2008; 2009; 2010; 2011; 2012; 2013.



SIEBERT, Claudia Freitas. **Panorama do Planejamento Regional em Santa Catarina: Da centralização à construção da solidariedade Regional**. Blumenau: Editora da FURB, 2001.

SITITEV, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Rio do Sul. **Relatório de empresas ativas**. 2013.

VALOR ECONÔMICO. Empresas: ranking das 1000 maiores. **Valor 1000**. Edição 2012. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/2801254/ranking-das-1000-maiores>> Acesso em: 20/11/2013.

WIKIMEDIA. **Santa Catarina, município de Rio do Sul**. 2014. Disponível em: <[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/97/SantaCatarina\\_Municip\\_RiodoSul.svg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/97/SantaCatarina_Municip_RiodoSul.svg)> Acesso em: 10/01/2014.